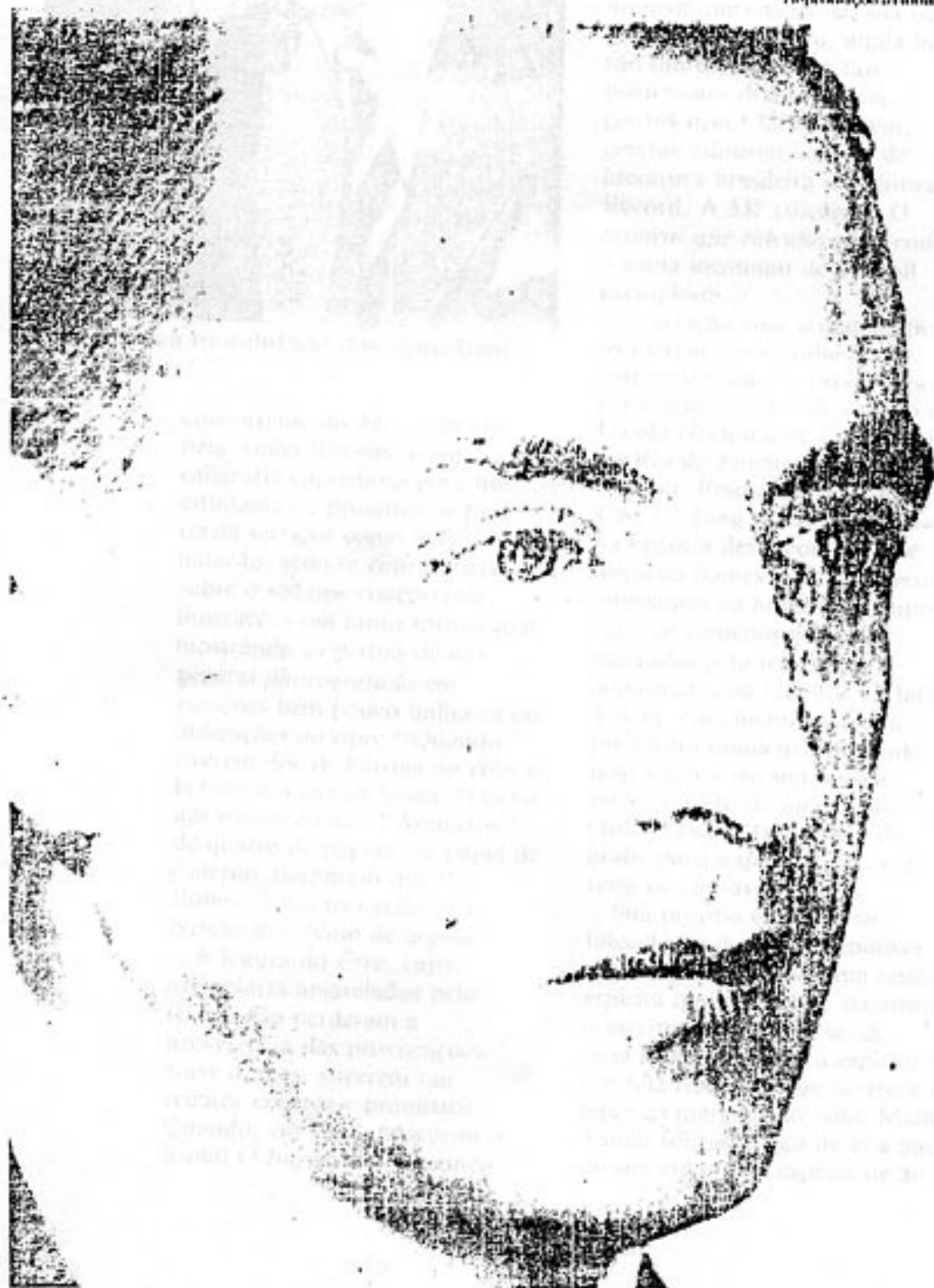


O QUE ACONTECEU COM

# MALBA TAHAN

*Quem foi esse homem que viveu entre miragens e realidade e escreveu O homem que calculava*

Reprodução/Imado Gury



Júlio César de Mello e Souza, ou Malba Tahan: jogo de duplos

A um distante e exótico país, onde o povo não conhecia o sabor incomparável da tâmara e onde se montava a cavalo, mas jamais alguém fora visto no dorso de um camelo, Alá enviou um dia um contador de histórias. Sua missão seria conquistar o coração e o espírito desta gente arrebatada pelos feitos cristãos do mundo ocidental, mas ignorante das grandes conquistas na terra e nos céus da grande cultura árabe. Alá fez seu contador de histórias nascer na cidade do Rio de Janeiro, então a capital imperial desta terra distante, o Brasil, no dia 6 de maio de 1895.

O nome verdadeiro do contador de histórias era Ali Yezid Izz-Eddin Ibn Salin Hank Malba Tahan, mas, pelos planos de Alá, ele seria batizado na Igreja Católica como Júlio César de Mello e Souza, um dos quatro filhos do casal João de Deus de Mello e Souza e Carolina Carlos de Mello e Souza. Quando morreu, no dia 18 de junho de 1974, na cidade do Recife, depois de uma vida venturosa de 79 anos, o contador de histórias Malba Tahan, então já conhecido pelo seu verdadeiro nome, havia cumprido a missão que lhe fora confiada. Para os leitores dos seus 117 livros — que até sua morte haviam tido uma tiragem de 1,5 milhão de exemplares — e seus milhares de ouvintes nas centenas de palestras realizadas nas mais diferentes regiões do país, o universo árabe havia sido revelado. Eles jamais se esqueceriam de casos como os do prodigioso calculista Beremiz Samir, o mágico partilhador de camelos, moedas e vinho. Passariam as narrativas a seus filhos e, até hoje, os livros do contador de histórias continuam sendo vendidos.

Com modesto salário de

Obras de Malba Tahan reeditadas pela Record:

O homem que calculava - 130 p. - R\$ 6,90.  
Lendas do céu e da terra - 110 p. - R\$ 4,90.  
Lendas do deserto - 110 p. - R\$ 4,90.  
Lendas do povo de deus - 110 p. - R\$ 4,90.

Maltaub - 110 p. - R\$ 4,50.  
Mil histórias sem fim (2 vols.) - R\$ 9,00.  
A caixa do futuro - 110 p. - R\$ 4,50.  
O céu de Alá - 110 p. - R\$ 4,90.

professora primária, Maria Heide Silva mantém a custo a integridade da velha casa de taipa, janelões azul-turquesa, onde o paroto Júlio César de Mello e Souza dividiu a infância com os irmãos na cidade de Queluz, interior de São Paulo. Na casa que a professora recebeu de herança dos pais, no número 30 da Praça da Matriz, marco de fundação da cidade, o paroto Júlio César montou a redação do seu jornal mensal, o *Erre*.



"A reflexiva moralidade das narrativas"

concorrente do *Mez*, editado pelo irmão Rubens. Com caligrafia caprichosa para um estudante de primário, o *Erre* trazia serviços como lições de natação, sempre com ironias sobre o redator concorrente, ilustrações um tanto sofisticadas mostrando as pernas de um general *photografado* em posições bem pouco militares ou indicações do tipo: "Quando tiverem dor de barriga ou cólicas bebam um chá de losna. Não há nas *pharmácias*." "Anúncios" de quarto de página em papel de caderno asseguram que "o Rubens é um *mengella*" e o Nelson um "coiô de argola".

A leitura do *Erre*, cujos exemplares amarelados pelo tempo não perderam a irreverência das provocações entre irmãos, sugerem um redator criativo e promissor. Quando, em 1918, procurou o jornal *O Imparcial* com cinco

histórias curtas nas mãos, no entanto, tudo o que Júlio César teve como resposta foi um gesto de desdém do editor literário, que deixou seu trabalho esquecido sobre a mesa. Os contos só foram publicados depois que Júlio César os reapresentou como "tradução" de um certo R. S. Slade, "que fazia sucesso em Nova Iorque". A "mistificação literária" com o nome de Malba Tahan apareceu pouco depois e nem seus filhos sabem explicar de que maneira isto aconteceu. Sônia, a única mulher dos três filhos do escritor, arrisca que "isto pode ter acontecido por um certo modismo da época". Malba Tahan nunca explicou o caso, mas é possível que a adoção do nome Malba Tahan tenha relação com a grande matemática, astronomia e cultura árabes, assuntos que ele desenvolveu em boa parte dos seus escritos. Os jogos matemáticos desenvolvidos em *O homem que calculava*, sua obra-prima, por exemplo, ainda hoje são um dos tesouros dos professores desta matéria, confidencia Clara Diamant, gerente editorial na área de literatura brasileira da editora Record. A 33ª edição de *O homem que calculava* já vendeu a soma incomum de 210 mil exemplares.

A relação com a matemática e os matemáticos árabes, entretanto, não se explica apenas pelos seus estudos de cálculo na Escola Nacional de Engenharia, no Rio de Janeiro, onde se formou. Pesquisadores como Carl G. Jung certamente veriam na história deste contador de histórias liames mais complexos e intrigantes na noite dos tempos: entre as centenas de fotos marcadas pelo tempo e depositadas na biblioteca Malba Tahan, em Queluz -- que a prefeitura municipal pretende transformar em um museu -- está o retrato de um paroto (Júlio César?) fantasiado de árabe para o que parece uma festa de carnaval.

Sua própria esposa Nair, falecida há dois anos, contava um caso envolvendo uma sessão espírita que perturbou seriamente o escritor. Durante a sessão, teria se manifestado o espírito de um felâ (escravo) que morrera de lepra às margens do Nilo. Malba Tahan foi, ao longo de boa parte de sua vida, uma espécie de anjo

protetor dos hansenianos, visitando dezenas de instituições terapêuticas em todo o país, lembra a filha Sônia. O ex-presidente da Câmara Municipal de Queluz, João Leite Fernandes, estudioso da história da cidade e organizador da biblioteca local, que tem o nome de Malba Tahan, atribui o amparo aos hansenianos às memórias de infância do menino Júlio César na cidade. Doentes vindos do sul de Minas,



Júlio César com a mulher Nair

montados a cavalo, percorriam o Vale do Paraíba com bornais presos na ponta de varas de madeira pedindo auxílio e comida.

A transformação de Júlio César em Malba Tahan, no entanto, pode ser perturbadoramente constatada nas fotos que estão em Queluz. À medida que envelhece, o escritor vai assumindo uma impressionante fisionomia árabe.

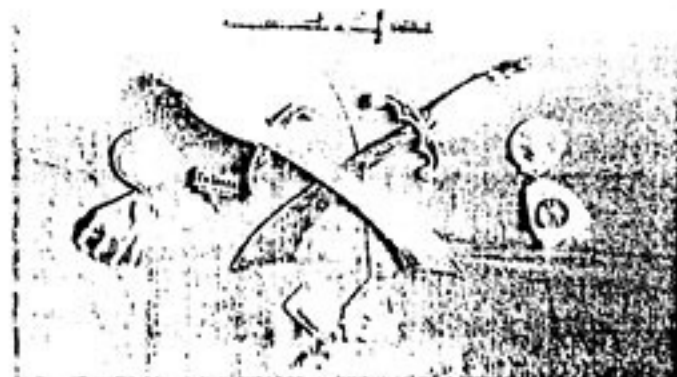
Um escritor A atribui a um fantástico escritor B (que pode existir, ter existido ou não) uma obra de sua autoria. O leitor consome a obra acreditando que ela foi produzida por B. É um caso que os especialistas interpretam como "mistificação literária". No Brasil, Gonçalves Dias, por exemplo, recorreu à mistificação nas "Sextilhas de Frei Antão", saborosa imitação do estilo português antigo. Malba Tahan, no entanto, é sem

# As fontes do árabe Tahan

Renato Cury

*À medida que envelhecia, o escritor Júlio César de Mello e Souza foi assumindo uma fisionomia cada vez mais semelhante à de um árabe. Enigmáticamente, o muçulmano Malba Tahan, criado por sua imaginação, parece ter se tornado parte de sua verdadeira identidade. É, com a "incorporação" de seu personagem, o fabulista assimilou também a cultura muçulmana. Rica e complexa, essa cultura atingiu seu apogeu no século XII, alicerçada em grandes obras produzidas desde o século VIII.*

*A indiscutível supremacia intelectual e científica do mundo árabe era reconhecida por seguras traduções para o latim e o hebraico dos mais diversos tratados de filosofia, medicina, ciências naturais e astronomia, produzidos por estudiosos nem todos muçulmanos. Pensadores e pesquisadores cristãos e judeus, que se nutriam do meio cultural árabe também produziam seus trabalhos expressando-se nesta língua, ampliando assim um universo de conhecimentos que transbordava os limites dogmáticos fixados pelo credo de cada uma das comunidades. Obviamente, essa pujança intelectual do mundo islâmico em nada se assemelha à intolerância teocrática vigente hoje em países como o Irã dos aiatolás. Até o início do século XIII, Córdoba, na Espanha, foi a cidade mais povoada, opulenta e culturalmente sofisticada de toda a Europa. O grande império muçulmano estendia-se então da Índia ao norte da África, incluindo a Península Ibérica. Em Córdoba, manifestaram-se inteligências privilegiadas que influenciam o pensamento e a produção intelectual até hoje, com destaque para duas estrelas especialmente cintilantes: Ibn Ruchd e Moses Ibn Maimon, mais conhecidos no Ocidente como Averróis e Maimônides. Recuperando quatro séculos — desde a sua eclosão — de pesquisa da cultura árabe Aver-*



No arquivo de Malba, a marca do Islã

*rois levou a filosofia aristotélica à sua melhor expressão no glorioso século XII, instrumentalizando Maimônides, entre os judeus, e São Tomás de Aquino, junto aos católicos. Malba Tahan, em obras como Romance do filho pródigo ou lendas do céu e da terra, bebe na fonte desses pensadores, sem falar de obras em que trata da astronomia, nas quais pesquisadores árabes como Al Souphi, o produtor de mapas estelares, também estão presentes. Mesmo ainda não reconhecidas, as marcas da herança árabe na verdade encontram-se hoje no céu e na terra, desde a arquitetura dos balcões das cidades centenárias até os nomes de sonoridade inconfundível com que os astrônomos conhecem inúmeras estrelas.*

*Recuperando quatro séculos — desde a sua eclosão — de pesquisa da cultura árabe Aver-*

*rois levou a filosofia aristotélica à sua melhor expressão no glorioso século XII, instrumentalizando Maimônides, entre os judeus, e São Tomás de Aquino, junto aos católicos. Malba Tahan, em obras como Romance do filho pródigo ou lendas do céu e da terra, bebe na fonte desses pensadores, sem falar de obras em que trata da astronomia, nas quais pesquisadores árabes como Al Souphi, o produtor de mapas estelares, também estão presentes. Mesmo ainda não reconhecidas, as marcas da herança árabe na verdade encontram-se hoje no céu e na terra, desde a arquitetura dos balcões das cidades centenárias até os nomes de sonoridade inconfundível com que os astrônomos conhecem inúmeras estrelas.*

dúvida o melhor exemplo de mistificação literária no país. Muitos leitores e gente ligada à própria literatura acreditaram durante anos na existência de um escritor árabe descendente de tradicional família muçulmana nascido a 6 de maio de 1885 na aldeia de Muzalit, nas proximidades da antiga cidade de Meca. Seu duplo começou a nascer por obra de uma leitora atenta. Ao citar pela primeira vez o nome de Malba Tahan, o já professor Júlio César de Mello e Souza referiu-se a uma obra daquele escritor árabe, traduzida para o inglês pelo jornalista, poeta, contista e romancista inglês Rudyard Kipling. A leitora conhecia bem toda a obra de Kipling e, percebendo que aquela tradução nunca havia existido, e que era uma criação do próprio professor Mello e Souza, telefonou-lhe, provocando-o do outro lado da linha: "Alô, Malba Tahan!"

Nos arquivos do escritor, em Queluz, há um texto do romancista e teatrólogo Guilherme Figueiredo a seu respeito. Para o escritor, Malba Tahan "foi o único que ficou" entre os que, no Brasil, tentaram o gênero oriental. Há no texto de Malba Tahan, segundo Figueiredo, "um legítimo gosto pelo Alcorão, uma filosofia carregada de inspiração religiosa em que a moralidade dos contos não explode como as conclusões imediatistas das fábulas".

O professor de Matemática e autor de livros didáticos Oswaldo Sangiorgi, que se considera de certa forma um "herdeiro" do estilo de Malba Tahan, concorda com a opinião de Figueiredo. Antes de Malba Tahan, reconhece Sangiorgi, nunca os livros didáticos no Brasil haviam sido tratados dentro de uma perspectiva histórica, com fundamentação científica. Estudante nos próprios livros de Malba Tahan e conhecedor da obra do escritor, de quem foi amigo pessoal, Sangiorgi comemora o seu retorno pela reedição de seus livros pela Record. O professor Sangiorgi situa o escritor com o produto de um outro momento brasileiro "quando havia muito mais leitura, preocupação com a cultura e acontecimentos como palestras eram algo contagiantes". Exemplos hoje esquecidos disso eram os

encontros de cultura matemática e mesmo as palestras feitas às centenas por Malba Tahan, que acabou batizando inúmeras bibliotecas e escolas. Dezenas de fotos no arquivo de Queluz de fato mostram homens com elegantes ternos de casimira, mulheres de óculos gatinho em circumspectas maxissaias ouvindo atentos as palavras do contador de histórias.

O próprio presidente da editora Record, Alfredo Machado, que foi aluno do irmão mais velho de Malba

Tahan, João Batista de Mello e Souza, lembrou-se das velhas histórias ao se decidir pela reedição de Malba Tahan, conta Clara Diamant. O resultado não poderia ser melhor: houve uma avalanche de telefonemas de professores estimulando a iniciativa e solicitando informações adicionais. O contador de histórias, que descreveu magicamente o mundo árabe, onde nunca esteve, cumpriu fielmente a tarefa a que estava destinado.

Ulisses Capozoli